

Amaral Vieira — revivendo o espírito humano através da música

Ensaio do presidente da SGI, Dr. Daisaku Ikeda, extraído de uma série preparada com base em seus encontros com indivíduos admiráveis de vários lugares do mundo

O famoso compositor e maestro brasileiro, Souza Lima, reconheceu o talento do garoto e se dispôs a dar-lhe aulas particulares. Lima disse: “Eu lhe darei aulas com uma condição: não farei concessões a você por ser jovem. Vou tratá-lo como um adulto”.

Vieira começou a compor música já aos 8 anos. Em 1965, quando tinha 13 anos, foi a Paris sozinho para estudar. A família era totalmente contra a viagem, o que, levando em conta sua idade, era compreensível.

O pensamento deve ter-lhes causado uma preocupação incalculável! Enfim, concordaram em deixá-lo ir com a condição de que ele telefonasse para casa a cada dez dias. Ele passou nos exames de admissão do Conservatório de Paris com notas altas.

“As dificuldades que enfrentei na época criaram a base da minha personalidade, tanto como músico quanto como ser humano”, afirma.

O desafio nos faz crescer

Ele chegou a um ponto crucial quando tinha 25 anos. Foi indicado para o cargo de chefe do Departamento de Música da Yehudi Menuhin School para crianças com talentos musicais especiais no Reino Unido. Esta era uma posição cobiçada que lhe traria prestígio e estabilidade financeira. Mas, Vieira hesitou. “Sou brasileiro”, pensou. “Será que não tenho o dever de trabalhar em prol do meu país?” Após muita reflexão, ele decidiu retornar ao Brasil. Todos que o conheciam tentaram convencê-lo do contrário, dizendo que estava jogando uma oportunidade de ouro fora.

Hoje, ele comenta: “Se tivesse aceitado a oferta naquele momento, tenho certeza de que não teria me desenvolvido tanto quanto me desenvolvi. Talvez tivesse encontrado outras oportunidades, mas minha vida não teria tido desafios. E é o desafio que nos faz crescer como seres humanos”. Vieira reflete constantemente sobre o seu propósito. Ele determinou sempre se dedicar a objetivos nobres. É esse senso de missão que purifica o ser, as artes e a sociedade.

Desde seu regresso à terra natal, o compositor brasileiro tem constantemente se dedicado a oferecer uma música edificante às pessoas. Para tanto, não só ele se apresenta e compõe, mas também escreve para vários

jornais e revistas. Além disso, participa de programas de educação musical para jovens e intercâmbios musicais com outros países.

“O Brasil não pertence à elite do país”, afirma. “Pertence ao povo. Nenhum ser humano é melhor que outro. Somos iguais, todos iguais”.

Ele foi agraciado com vários prêmios por seu talento e realizações. A peça que escreveu para mim, *Sons Inovadores*, ganhou o Prêmio de Melhor Obra Sinfônica de 1993. Em nosso primeiro encontro, ele se comprometeu a atuar como um embaixador musical a partir daquele dia, transmitindo ao mundo nossa mensagem comum de humanismo por meio da música, algo que buscava realizar havia muito tempo.

Ele declara: “Aqueles que acreditam que devemos dedicar nossa energia à cultura depois de nos tornarmos uma grande nação têm uma visão retrógrada. Uma nação só se torna realmente grande quando a cultura floresce junto com o crescimento”.

A arte é uma forma de autoexpressão. Por mais popular que seja, a arte que careça de humildade, sinceridade, pensamento, filosofia e determinação de buscar a perfeição maior é, em última análise, mera vaidade. Essa arte superficial não tem o condão de enriquecer o espírito humano.

Uma antiga lenda chinesa conta a história de um grande músico que tocava cítara com tal maestria que sua música fazia soprar uma brisa fresca, transformando primavera em outono, fazendo até mesmo as árvores e plantas darem seus frutos de outono. Quando tocava uma canção diferente, invocava o verão e, depois, a música mudava a estação para inverno.

E, num final apoteótico, a forma como tocava trazia uma brisa perfumada, nuvens auspiciosas no céu e fazia brotar uma fonte borbulhante da terra, tudo de uma só vez. A música imbuída de espiritualidade contém o poder e a harmonia do Universo. É o sopro da vida sublime. Platão disse que uma mudança na música consegue mudar toda uma sociedade. Nesta época de discórdias, devemos abrir a porta do nosso coração e cantar com voz alegre e vibrante. Precisamos encontrar novas maneiras de “afinar” o espírito humano por meio de um grande movimento cultural de pessoas. Vieira tem se dedicado à tarefa de atingir o mais profundo acorde do sentimento humano.

“Vivemos num mundo de dualidades”, disse. “Há vantagens e desvantagens, o bom e o mau para tudo. Creio que a música tem o poder de nos conduzir da desarmonia à harmonia”.